

O desafio de fazer a economia crescer

A nova equipe econômica recebe o país com o registro de desemprego recorde num período de sete anos: a taxa média dos cinco primeiros meses deste ano (7,57%) só é menor que a do mesmo período de 1985 (6,77%). Entre maio de 1991 (quando Marcílio tomou posse) e abril deste ano, a taxa média foi de 4,9%. Na indústria paulista, a taxa até setembro foi de 7,57%.

E quem não perdeu o emprego também vive dificuldades. Nos primeiros cinco meses deste ano, o salário médio da indústria caiu 14%, depois de ter perdido também 14% no mesmo período de 1990 e 26,24% de janeiro a maio de 1991. Porém, na indústria paulista o salário médio cresceu 16,4% de janeiro a agosto.

Desde 1990, a taxa de investimento não sai dos 16,5% do PIB de 1989, contra a média de 21% dos anos 70. E a produção industrial, depois da queda de 8,9% em 1990, registrou nova perda, de 0,5%, em 1991 e deve fechar este ano estagnada. Ou seja, mais de 9% abaixo de 1989.

Mas as exportações devem crescer 13%, e a safra agrícola, 22,5%. Estes dois setores deram algum fôlego à economia, este ano. No caso da agricultura, devido a melhores condições de financiamento; no das exportações, graças à política cambial realista e as altas taxas de juros, que levam os exportadores a antecipar o fechamento de contratos de câmbio. Assim, a economia deverá crescer cerca de 2% este ano, depois do 1% de 1991. Resultados que deixam longe a queda de 4,26% em 1990, mas que ainda representam recessão num país em que a população cresce quase 2% ao ano.